

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FERNANDA MEDEIROS BERNARDINO

PADRÕES DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE: Desconstrução da
romantização midiática da figura materna segundo a psicanálise

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

FERNANDA MEDEIROS BERNARDINO

PADRÕES DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE: Desconstrução da romantização midiática da figura materna segundo a psicanálise

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Francisco Francinete Leite Junior

FERNANDA MEDEIROS BERNARDINO

PADRÕES DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE: Desconstrução da romantização midiática da figura materna segundo a psicanálise

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 26/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

Membro: DRA. FLAVIANE CRISTINE TROGLIO DA SILVA

Membro: PROFA INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA

**JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024**

PADRÕES DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE: Desconstrução da romantização midiática da figura materna segundo a psicanálise

Fernanda Medeiros Bernardino¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender os impactos que os padrões estéticos de beleza produzem na contemporaneidade, tomando como foco principal o público feminino, especificamente no período gestacional. Buscou-se fazer um levantamento histórico de como os padrões de beleza foram sendo construídos, além de identificar as influências que os meios digitais e a sociedade de consumo exercem sob a construção desses ideais de beleza. Ademais, procurou-se destacar mudanças corporais e impactos psíquicos sofridos por mulheres grávidas que estão inseridas neste contexto de cobranças sociais de adequação corporal, visto que, há uma pluralidade de corpos e o padrão de beleza propagado não condiz com os corpos reais da população geral, sob a perspectiva psicanalítica. Foi realizado estudo teórico a fim de obter informações necessárias para a construção do estudo, utilizou-se base de dados digitais para a captação de trabalhos que contemplassem a temática, de ordem atemporal, os critérios utilizados para a inclusão dos materiais desta pesquisa, não foi um marco definidor, mas sim a relação com o tema da pesquisa visando abranger um número maior de artigos que abordassem o tema escolhido. A discussão sobre os impactos dos padrões estéticos e saúde mental das mulheres grávidas se faz necessária, visto que, há um considerável aumento na cobrança midiática dos corpos ideais, além de observar-se uma crescente nos números de mulheres vulneráveis a estas imposições, o que acarreta muitas vezes sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Padrões de beleza. Maternidade. Influência midiática. Contemporaneidade. Psicanálise. Psicologia.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand the impact of aesthetic beauty standards in contemporary times, with a focus on women, specifically during pregnancy. The aim was to conduct a bibliographical and historical review of how beauty standards have been constructed, as well as to identify the influences of digital media and consumer society on the construction of these beauty ideals. In addition, the aim was to highlight the bodily changes and psychological effects suffered by pregnant women who are placed in this context of social demands for body adequacy, since there is a plurality of bodies and the propagated standard of beauty does not correspond to the real bodies of the general population. A bibliographical research was carried out in order to obtain the information necessary for the construction of the study. Digital databases were used to record works on the subject in a timeless order. The criteria used to include the materials in this research was not a defining milestone, but rather the relationship with the subject of the research, in order to cover a greater number of articles that dealt with the chosen topic. It is necessary to discuss the impact of aesthetic standards on the mental health of pregnant women, since there has been a significant increase in the media's demand for the ideal body, as well as a growing number of women who are vulnerable to these impositions, often leading to psychological suffering.

Keywords: Beauty Standards. Motherhood. Media influence. Contemporaneity. Psychoanalysis. Psychology

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: fernanda.verdeh@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEAO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Giorgio Agamben (2016), a contemporaneidade se dá na articulação da relação do indivíduo com o tempo. Sendo assim, a contemporaneidade não é um estatuto fixo, muito pelo contrário, é fluida conforme o tempo que se está. Freud (1930), relata no seu livro “O mal-estar na civilização”, que os seres humanos possuem uma tendência primordial à busca. Tal busca é moldada pela sociedade, pois existem normas e regras de convívio social a serem cumpridas.

É notório que nos dias atuais a sociedade se encontra imersa em frustrações, que se estendem por toda a trajetória de vida do sujeito, inclusive se materializando nos corpos, neste sentido, pode-se mencionar as questões advindas pela imposição social: o corpo perfeito, o corpo como modelo de padrão de beleza e a indústria de consumo. Tomando como foco as imposições padronizadas de corpo ideal, o corpo como sendo espaço de materialidade de todas as experiências em diferentes fases da vida. Para tanto, destaca-se nesse estudo, especificamente a vivência do corpo no período gestacional, visto que se torna de suma importância falar sobre os padrões de beleza contemporâneos que caracterizam tais mulheres como bonitas ou não. Causando com isso mal-estar, onde a mulher se encontra imersa em questões de origem orgânica e psíquica.

Assim, este estudo apresenta-se a partir das construções sociais que refletem as percepções sobre o corpo, ou seja, em torno do que é feio e bonito, tendo como finalidade fundamentar teoricamente o tema em contemplação. Afinal, de onde vieram esses estereótipos de beleza e como eles se manifestam para as mulheres no período gravídico? Partindo deste questionamento, o público feminino do qual a autora se dirige, requer sutileza para a escrita, sendo este acometido por estereótipos que as inferiorizam em relação aos seus corpos, a qual estão enquadrados com a padronização contemporânea. Tido como o sexo frágil, como delicado e muitas vezes excluído, submetido ao papel doméstico e afastados do seu lugar social. Ainda no que diz respeito à mulher e à literatura, Coelho (1989), em seu texto “Tendências atuais da literatura feminina no Brasil”, diz:

Há, na literatura feminina atual, algo mais, algo essencial dentro das transformações em processo no ser humano e na sociedade, e que podemos definir como a busca da Nova mulher. Ou, em outras palavras, a busca do feminino autêntico, pressentido para além dos destroços da “imagem tradicional da mulher”, patente na crise em processo de nossos tempos (Coelho; 1989, p. 4).

Com isto, percebe-se que o público feminino busca incessantemente romper com tais estereótipos que a colocam como frágil, inferior e fora dos padrões impostos pela sociedade.

Nessa busca, muitas vezes são expostas a novos enfrentamentos, devido a idealização excessiva dessa “nova mulher”. Neste sentido, a sociedade traz uma tendência em atualizar-se cada dia mais, trazendo para as mesmas obstáculos a serem vividos, obstáculos esses que se agravam na gestação devido aos enfrentamentos que a mulher vivencia.

Sabe-se que, a imposição de padrões sobre a beleza feminina aumentou consideravelmente, o corpo ideal se torna inalcançável, as roupas da moda, maquiagens, sapatos e a profissão a ser escolhida, tudo isso gerando conflitos. Essa atualização constante faz com que a busca por procedimentos estéticos, cirurgias plásticas e mudança no visual aumentem a cada dia. Frente a essa incessante busca, se faz necessário refletir sobre como a sociedade está vivenciando e como as pessoas se posicionam frente a estas mudanças que se intensificam na fase gestacional das mulheres.

Com base no exposto, visando compreender como os padrões de beleza atravessam a subjetividade no campo materno, esta pesquisa tem como justificativa realizar uma observação nos contextos históricos, visando evidenciar como estas atualizações foram construídas ao longo dos anos. Buscando reflexões sobre o âmbito de convívio interpessoal, evidenciando como estes padrões interferem no cotidiano das mulheres que estão vulneráveis a tais imposições da sociedade. Com isto, o presente estudo demonstra interesse por parte da autora, ao vivenciar situações que desencadearam a busca por esta área em destaque, bem como, contribuir para ampliação do campo de pesquisa das diversas esferas da psicologia, além de analisar como a sociedade se insere na temática, visto que os fatores normativos da sociedade constroem a cultura.

Ao realizar observações nas relações cotidianas, publicações midiáticas e em estágio clínico, foi percebido grande frustração em relação a satisfação da imagem, o que causou uma movimentação para a construção do presente estudo. Para tanto, buscou-se, como objetivo central para este estudo, compreender como as imposições dos padrões de beleza influenciam na produção do mal estar durante a maternidade, analisando as construções sociais em torno do belo, investigando como o público feminino sofre com esse impacto industrial sobre os corpos e como ele atravessa mulheres vulnerabilizadas.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, influenciada fortemente pela perspectiva psicanalítica. Segundo Laville e Dionne (1999), para analisar um conteúdo

bibliográfico, é necessário que haja recortes dos conteúdos das obras escolhidas, para que em seguida sejam ordenados dentro da categoria de análise. Assim, a pesquisa possui caráter de ordem exploratória, a partir de obras de autores vinculados à psicanálise e áreas afins que buscam em seus escritos discutir as relações entre o corpo feminino e a maternidade. Com isto, foi trabalhado no âmbito do caráter qualitativo, que segundo Flick (2008), tem importância no estudo das relações sociais devido à diversidade das formas de vida e de padrões biográficos. O mesmo refere que, neste método de pesquisa os objetivos não são realizados a variáveis, mas a exprimir em sua totalidade e complexidade, dentro do contexto que se insere.

Para a estruturação do planejamento de busca, utilizou-se de palavras chaves, como: *contemporaneidade, padrões de beleza, feio e belo, maternidade e psicanálise*. Os critérios utilizados para a inclusão dos materiais desta pesquisa, não foi um marco definidor, mas sim a relação com o tema da pesquisa visando abranger um número maior de artigos que abordassem o tema escolhido. Com isto, os textos foram selecionados e utilizados conforme a estruturação dos objetivos de pesquisa, articulando contextos históricos, fazendo a utilização de livros e arquivos dispostos em plataformas virtuais, como Google Acadêmico, Scielo, Pepsic e dissertações.

3. ENTRE O BELO E O FEIO: CONTEXTUALIZAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS

O contexto histórico da feiura se dá desde a antiguidade até os dias atuais, quando o feio era colocado em contraposto ao belo. Artistas e autores ao longo dos séculos formularam as definições de belo, colocando o feio em uma posição distante. Karl Rosenkrantz (1853), elabora a primeira e mais completa estética do feio, o autor traça uma analogia entre o feio e o mal moral, como o mal e o inferno se opõem ao bem, o feio se opõe ao belo, concretizando assim, que o feio seria o “inferno do belo”. Ainda em seus escritos, ele retoma a ideia de que o feio se comporta opostamente em relação ao belo, isso evidencia um grande erro que o belo possui em si. Essa forma estética, tal qual a ciência da beleza é obrigada a enfrentar o conceito de feiura, pois ambos não se desligam.

O autor analisa minuciosamente o feio em suas vastas dimensões, na natureza, na espiritualidade, na arte, na ausência de forma, no desconfiguramento, na deformação, na repugnância. Isso tudo era considerado demasiado para ser colocado apenas como o oposto do belo, que era tido como algo harmônico, proporcional e íntegro. Neste sentido, ao fazer uma

análise deste conteúdo, observou-se que os sinônimos relacionados à feiura eram acompanhados de nojo, repulsa e desprezo.

Com o decorrer dos séculos, pode-se notar que o belo e o feio tomaram proporções variadas. Durante a vanguarda o feio obteve um triunfo, onde os autores aplicavam-se para “chocar o burguês” demonstrando em suas obras o feio em si e feio formal, visto pelos apreciadores da época como o feio artístico. Não consideravam como belas representações do que era feio, mas sim, belas representações do que era real.

No livro "A história da beleza" do autor Umberto Eco (2004), é realizada pelo mesmo, um estudo sobre obras da antiguidade. Com isso, o autor conclui que o objeto belo é um objeto que em virtude de sua forma deleita os sentidos e entre estes, em particular, o olhar e a audição. Mas não somente os aspectos sensíveis exprimem a beleza do objeto, no caso do corpo humano, assumem um papel relevante também as qualidades da alma e do caráter.

O belo na antiguidade, especificamente na cultura grega, era apresentado e idealizado através do corpo, que era treinado e produzido em função do seu aprimoramento. Assim, a imagem idealizada corresponderia ao conceito de cidadão que deveria tentar realizá-la, modelando e produzindo o seu corpo com exercícios e meditações. O corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Portanto, a beleza não era posta apenas como características físicas, mas sim como um posicionamento imposto pela sociedade. É válido salientar que a mulher não era incluída nesse padrão de beleza, pois tanto as mulheres como os escravos não eram incluídos no padrão da época, tal imposição era voltada apenas para os homens.

Já na idade média, com o avanço do cristianismo, a imagem do corpo passa a ser atrelada ao pecado, tornando o corpo como algo pecaminoso, reprimindo-o e colocando-o em frente ao simbolismo da dor, o corpo passa a ser glorificado pela sua mortificação. Isso se dá pela morte de Cristo, a dor física teria um valor espiritual. A lição dada com a morte de Cristo é lidar bem com a dor do corpo, que seria mais importante do que saber lidar com os prazeres (Tucherman, 1999).

De fato, o corpo em seus diversos ambientes foram impostos em padrões desde a antiguidade, com isso, não se faz diferente na modernidade, nesta época o corpo passa a ser notado no contexto “científico” servindo de objeto de estudos e experiências, passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo. O conhecimento científico, a matemática, enfim, o ideal renascentista: o corpo investigado, descrito e analisado, o corpo anatômico e biomecânico (Gaya, 2005). A redescoberta do corpo nessa época aparece principalmente nas obras de arte,

como nas pinturas de Da Vinci e Michelangelo, valorizando-se deste modo o trabalho artesão com o pensamento científico e o estudo do corpo (Rosário, 2004). O padrão de beleza foi imposto para o corpo obeso de Mona Lisa, ou *A Gioconda*, famosa pintura de Leonardo da Vinci, um dos mais eminentes homens do Renascimento italiano.

Contudo, a representação do belo não finda na modernidade, tendenciando a atualização constantemente, dar-se-á até os dias atuais. Na contemporaneidade, o conceito de beleza é efêmero, devido às suas transformações ao longo dos tempos. Passando de um conceito obrigatório moral e social para uma definição de status. Porém, o que se denota em um contexto atemporal é a importância do corpo em si, um porta-voz da alma humana com o meio exterior, tendo o poder de impactar toda a vida do ser humano.

No final do século XX, importantes mudanças acontecem no sentido da beleza. O *Homo politicus*, ou *homo economicus*, deu espaço ao *homo estheticus* (Maffesoli, 1996). A valorização da estética passou a ser mais forte, afetando os comportamentos da sociedade. Alguns estudos apontam que os corpos passaram a possuir uma valorização sexual frente a estética física. O corpo é visto como espetáculo e mercadoria, idealizando juventude e aceleração da tecnologia dos corpos (Solomon, Ashmore e Longo, 1992).

Nesta perspectiva, nota-se que o corpo e a moda passam a ser elementos essenciais do estilo de vida, determinando investimentos pessoais na preocupação por aparência (Goldenberg, 2002), mas até que ponto pode-se chegar para obter o padrão imposto pela sociedade? Para contextualizar o presente artigo se faz necessário entender de onde surgiu o conceito de beleza e feiura. O conceito de beleza tem seu início desde a antiguidade, era um assunto estudado por grandes filósofos, como Aristóteles e Platão, posteriormente por Kant e Hume, que promovem várias discussões ontológicas, epistemológicas, éticas, de valores e de aspectos políticos-culturais ao longo de centenas de anos (Vacker; Key, 1993). Além da filosofia, a literatura também estuda o conceito de beleza, já que o autoconhecimento do ser humano inclui aspectos de beleza física como complemento do todo.

Para Onkvisit e Shaw (1987), o autoconceito é multidimensional e possui quatro tipos de eus, que vêm sendo empregados nos estudos de consumidores desde então: o eu real (o que a pessoa é); autoimagem (como a pessoa se vê); o eu ideal (como a pessoa gostaria de ser) e por fim o eu social (como a pessoa acredita que os outros a veem). A questão da beleza e do corpo está também presente na literatura por meio do autoconceito do ser humano, do qual a aparência física é parte considerável, (Solomon, 2008), refletindo-se na autoestima do indivíduo. A noção dos diversos *eus* pode ser analisada a partir dos cuidados com a própria aparência, na busca por

um *eu* idealizado por meio do consumo de cosméticos, adornos, moda e até mesmo de procedimentos mais radicais, como uma cirurgia estética. Pessoas com alto nível de autoconsciência pública dão grande atenção ao que os outros pensam delas, dessa forma a aparência passa a ser elemento essencial na impressão causada, sendo associada ao uso de cosméticos e adornos (Bloch; Richins, 1992).

Nos dias atuais, vigora uma sedução narcísica, na qual o indivíduo volta a libido para o próprio âmag, causando assim, imensa frustração ao não atingir seu ideal, ocasionando uma verdadeira perseguição pela satisfação com a aparência corporal. Em um aspecto geral, as pessoas têm se dedicado com afinco a buscar um ideal de beleza impossível de ser atingido ou até mesmo perigoso para a própria saúde. Isso aparece como uma consequência do capitalismo que tem mercantilizado a beleza por meio da mídia, alimentando o consumismo desde o mais simples cosmético até aos mais refinados tratamentos oferecidos pela medicina estética, vendendo em propagandas para além dos produtos, a padronização de uma imagem do corpo tanto masculina quanto feminina, a ser imitada e admirada por todos (Siqueira, 2011).

No que tange o foco deste estudo, a mulher, atualmente a identidade corporal feminina é equivalente à harmonia presente entre a tríade beleza-juventude-saúde. Com forte influência da cultura midiática, a cada dia que passa as mulheres se colocam a serviço da manutenção de seus corpos, sendo incitadas a associar beleza com juventude e conseqüentemente, juventude com saúde (Del Priore, 2009).

Esta constante modificação implica diretamente no conceito de Bem-Estar. Para Bauman (1998, p. 23), o sujeito mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência.

Freud (1929-1930), ao escrever seu livro “O Mal-Estar da Civilização”, relata que o papel da civilização seria buscar constantemente formas de contorná-lo, mesmo sabendo de saída que o projeto seria incompleto. Cada cultura procuraria formas de condução para o mal-estar inerente à sua própria constituição enquanto cultura. Ao abordar o mal-estar na cultura, Freud trata de uma condição inerente ao homem enquanto ser de cultura.

Esta perspectiva de Freud pode ser observada constantemente nos dias atuais. Ao fazer uma analogia ao que Freud relata sobre os contornos da civilização mediante o mal-estar, pode-se observar a constante atualização dos padrões de beleza femininos, da estética e dos lançamentos de produtos voltados para o embelezamento. A indústria da beleza tende a renovar-

se, a fim de dar continuidade ao consumismo exacerbado. A procura do novo, do inovador e mais eficaz, faz com que mulheres busquem de todas as formas se enquadrarem no padrão social.

4. DO INCONSCIENTE AO ORGÂNICO, PERCEPÇÕES SOBRE O CORPO PSICANALÍTICO

Ao se falar de corpo em psicanálise, é necessário observar como a teoria psicanalítica denota atenção para este corpo no percurso evolutivo dos estudos. O corpo é notado por Freud quando ele começa seus estudos sobre a histeria no ano de 1893, neste período, nota-se que alguns sintomas das histéricas eram manifestados por sintomas físicos. Com isto, Freud (1996), percebe que o corpo não se restringe meramente ao campo fisiológico, mas sim, que o inconsciente se expressa no corpo e através deste corpo.

A propósito do caso de Elizabeth von R., Freud afirma a existência de uma interseção entre a dor física e a palavra falada, emitida pela própria paciente. Em tratamento, Freud a diagnostica com uma expressão precisa: "*Trata-se de uma paralisia funcional baseada na simbolização*". Daí Freud retira mais um ensinamento precioso para o tratamento analítico da histeria: "*Uma simbolização como essa pode gerar sintomas somáticos na histeria*" (Freud, 1996, p. 200), ratificando que a conversão histérica não obedece à anatomia, mas a um excesso de simbolização inscrita no corpo capaz de lhe retirar a função orgânica.

Para Freud (1996), o corpo é o lugar de inscrição das marcas presentes nas reminiscências das experiências precoces do infante, por onde o Eu poderá se constituir, sendo assim, o lugar por onde emerge o pulsional, mas também o meio de chegar à sua satisfação, quer ela se dê no prazer ou no desprazer. O corpo viria se fazer presente para além de sua função biológica, pela ação do sexual Nas, e com as manifestações corporais que ele engendra. Nesse movimento em ação, existe em primeiro lugar a importância do conceito de pulsão para dar conta da dinâmica complexa na qual psiquismo e corpo se encontram inseridos. Com o conceito de pulsão no desenvolvimento freudiano, o lugar do corpo é sublinhado como fonte e ao mesmo tempo como meio de descarga e de satisfação libidinal.

Segundo Lacan (1999), a qual postula uma nova interpretação sobre o corpo, onde mostra que pode ser pensado a partir de sua concepção dos três registros fundamentais. Nessa perspectiva, ele pode ser estudado por meio de três pontos de vista complementares: do ponto de vista do Imaginário, o corpo como imagem, do ponto de vista do Simbólico, o corpo marcado

pelo significante, e do ponto de vista do Real, o corpo como sinônimo de gozo. É importante ressaltar que a introdução original do conceito de gozo é distinta da noção de prazer, define as diferentes relações com a satisfação que um sujeito falante pode experimentar no uso de um objeto desejado, postulando que a questão da satisfação também se inscreve na rede de sistemas simbólicos que dependem da linguagem.

Pensar o corpo do ponto de vista do Imaginário, implica em levar em conta os primeiros momentos da teoria lacaniana e a forma como a imagem do corpo próprio a partir do outro marca a constituição subjetiva e a imagem assumida pelo sujeito. O corpo do ponto de vista do Simbólico, aponta para a relação que se estabelece entre fala-linguagem-corpo. Tendo como referência o texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, e sua concepção do primado da linguagem, ele diz respeito ao corpo marcado pelo simbólico, no qual as diversas partes podem servir de significantes, isto é, ir além de sua função no corpo vivo. O corpo do ponto de vista do Real, seria sinônimo de gozo, definido não como organismo, mas como “pura energia psíquica, da qual o corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância”, segundo Lacan (1953) apud Nasio (1993).

Correlacionando o que Freud e Lacan observaram, notasse um corpo que é formado por energia pulsional, através de construções e experiências voltadas para a inter-relação com o outro que possui uma manifestação inconsciente chegando ao campo físico corpóreo. A tese de uma constituição do sujeito a partir de um outro, através do qual o eu é levado a conhecer o mundo, aponta para a questão da alteridade e para a Psicanálise, a alteridade na perspectiva de uma determinação inconsciente. Lacan, procurando especificar o inconsciente freudiano (a outra cena), introduz o outro, como semelhante, e o Outro, como determinação pelo inconsciente. De acordo com Lacan (1981/1988), "temos a noção de que, além do outro com *a* minúsculo do imaginário, devemos admitir a existência de um outro, *Outro*".

Lacan (1975), dá um passo ainda mais longo, onde situa a teoria do espelho como paradigma do Imaginário, o estádio do espelho se refere à forma como a imagem do corpo próprio a partir do outro tem um papel fundamental na formação do eu e na imagem assumida pelo sujeito. Ainda afirma que "o estádio do espelho (...), não é simplesmente um momento de desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* - arquétipo do eu." (Lacan, 1975, p. 91). Neste sentido, pode-se notar que a constituição do corpo Imaginário ou do corpo como imagem, se dá através do reconhecimento da semelhança entre o corpo infante com o corpo adulto, visto que esse

reconhecimento aparece ainda na mais terna infância, situado entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida.

Na teoria Lacaniana, “basta-nos compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998, p. 98). Para que haja maior compreensão, pode-se refletir a teoria do espelho como sendo uma metáfora, onde o autor simboliza a vivência infante. Com isto, a imagem que Lacan utiliza parte de experimentos da Psicologia Comparada sobre o bebê a partir dos seis meses de idade, que ao olhar para um espelho, dá indícios de se reconhecer na imagem refletida. Lacan especifica que a concepção do estágio do espelho traz esclarecimentos sobre o *eu da experiência psicanalítica* e se opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do *Cogito*. Ou seja, não se trata do eu racional, consciente, implicado na frase de Descartes “Penso, logo existo”.

O que se produz lá no campo virtual que é o inconsciente, tem efeitos aqui, que na metáfora é o anterior ao espelho. Mas onde, do ponto de vista da teoria lacaniana é o aqui, antes do espelho, anterior à relação especular? É o real, o não simbolizado, um dos registros da Topologia Lacaniana. Assim como o bebê pouco consciente de si, já se reconhece no espelho, Lacan se refere a um eu anterior à linguagem, um eu ainda não simbolizado, mas que já está captado em uma imagem. Lacan, continua esmiuçando metáfora para falar sobre o “*eu imagem virtual alienado*”, o autor escreve que a forma total do corpo, sua *Gestalt*, simboliza tanto a permanência mental do *eu*, como prefigura sua destinação alienante. Pensemos primeiro no espelho em seu sentido literal, para que a criança veja sua imagem no espelho e a reconheça como sendo dela é necessária uma operação complexa que consiste em se desdobrar e reconhecer que aquela imagem “é ela” e ao mesmo tempo, “não é ela”.

Assim também acontece na formação do *eu* da psicanálise. Para Lacan (1998), a conquista da imagem do corpo próprio pela criança corresponde a uma imagem que “é dela”, mas que ao mesmo tempo “não é dela”, está alienada. Para que se compreenda esta alienação, se faz necessário compreender a diferença entre o “outro e o Outro, como o grande Outro”. O “pequeno outro”, com letra minúscula, refere-se ao outro semelhante, ao próximo, que no início do desenvolvimento da criança serviria como identificação. Assim, é possível pensar que Lacan explora a metáfora do espelho alegando que a imagem refletida corresponderia àquela do outro semelhante e que no caso do *eu* da psicanálise, é através do outro que a criança toma sua imagem corporal numa *Gestalt*.

O grande outro, em alguns textos lacanianos, é entendido como a linguagem, em outros, como a cultura e ainda como o Simbólico (um dos registros da topologia laciana). Basta entender que este Outro é representado na metáfora como o espelho e encarnado na mãe ou seu correspondente (o pequeno outro, imagem). Lacan entende que esta conquista da imagem do corpo próprio, ou seja, a constituição de um *eu* na criança depende não apenas de um desenvolvimento maturacional, mas exige a implicação de um outro, o qual insere a criança no universo da linguagem e da comunicação. É a partir dos cuidados necessitados pelo bebê para sua sobrevivência que a mãe inscreve marcas e empresta significados para nomear as sensações e comportamentos da criança. Ou seja, o bebê se dirige a este Outro-espelho, encarnado neste outro-semelhante, em busca de uma imagem que o totalize. É o olhar da mãe que antecipa a Gestalt de um corpo unificado no bebê.

5. MATERNAGEM: A MÃE QUE SE APAGA PARA ASCENDER SEU FRUTO?

O ciclo vital feminino é constituído por diversas fases, e entre estas, algumas mulheres podem vivenciar a gravidez, entendida como um conjunto de fenômenos fisiológicos, psíquicos, hormonais e emocionais, que evoluem para a criação de um novo ser. Esse momento pode ser considerado um período de mudanças físicas e psicológicas (Costa, 2010). Do mesmo modo, Araujo et al. (2012, p. 553), destaca que no período gestacional a mulher passa a perceber transformações no seu corpo e a conviver com estas mudanças. “Essas mudanças estão relacionadas aos ritmos metabólicos e hormonais e ao processo de integração de uma nova imagem corporal. Essas alterações têm repercussões tanto na dimensão física, quanto na emocional”. A gravidez é um momento de importantes reestruturações na vida da mulher e nos papéis que esta exerce. Durante esse período ela tem que passar da condição de só filha para a de também mãe e reviver experiências anteriores, além de ter de reajustar seu relacionamento conjugal, sua situação socioeconômica, e âmbito profissional (Maldonado, 1997).

Winnicott na sua teoria, nos remete à compreensão dos estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional do ser humano. Devido a sua atuação como pediatra e psicanalista, constatou que boa parte dos problemas emocionais parecia encontrar sua origem nas etapas precoces do desenvolvimento. Pode-se dizer, segundo o autor, que o cerne de seus estudos se concentrou na relação mãe-bebê, pois para ele as bases da saúde mental de qualquer indivíduo são moldadas na primeira infância pela mãe, através do meio ambiente fornecido por esta. Retomando seu trabalho, observa-se que dois caminhos são focalizados e frequentemente se

intercruzam, um deles diz respeito ao crescimento emocional do bebê e o outro refere-se “às qualidades da mãe, suas mudanças e o cuidado materno que satisfaz as necessidades específicas do bebê” (Winnicott, 1948 apud Valler, 1990).

De acordo com a psicanálise, a gravidez é uma experiência regressiva que conduz essa gestante a viver intensos sentimentos de desamparo e ansiedade, conseqüentemente demandar às pessoas ao seu redor por proteção e amparo. Nesse período, predominam as características orais como hipersonia, voracidade e dependência de outras pessoas, semelhantes a experiências vividas na infância, que indicam uma identificação básica da grávida com o feto. Portanto, a mulher passa a precisar de cuidados, assim como o bebê também precisa. Essa regressão não indica necessariamente uma conotação patológica, pois parte do próprio movimento do processo de desenvolvimento, sendo necessário para que a mãe se identifique com o bebê (Silva, 2008; Winnicott, 1999).

Todo o processo gestacional ocorre de forma única para cada mãe, visto que algumas características físicas podem ser compartilhadas por algumas delas. A gestação é dividida em 3 trimestres, nestes processos de divisão a gestante é acompanhada pelo desenvolvimento fetal do bebê, conforme os segmentos do pré-natal. Segundo Laura Vilela e Souza (2012), no primeiro trimestre, o feto ainda não é sentido concretamente, e as alterações do esquema corporal são discretas. Portanto, surge o sentimento de dúvida entre estar ou não grávida, mesmo depois da confirmação do exame clínico. Fantasias como a do não crescimento adequado da barriga fazem parte dessa primeira fase. Ainda nesta primeira fase é possível perceber as mudanças psicológicas, mediante oscilações de humor que podem ser frequentes desde o início da gravidez. É normal a gestante passar de depressão à euforia sem motivo aparente, já que tais estados de humor não necessariamente estão associados às atitudes diante da gravidez (Winnicott, 1988a).

As mudanças físicas também estão presentes no marcador biológico da gestação. A gestação marca um período de intensas mudanças na psique e no corpo da mulher (Da Silva; Da Silva, 2009). No que concerne às mudanças físicas, embora sutis, elas já podem ser percebidas desde o primeiro trimestre, com o aumento das mamas, percepção diferente de cheiros e gostos e sonolência (Szejer; Stewart, 1997), além de enjoos e vômito. Assim, a sensação de estar grávida pode existir mesmo antes da confirmação clínica, sendo associada às sensações e mudanças corporais (Da Silva; Da Silva, 2009).

O segundo trimestre de gravidez fica marcado pela possibilidade de visualizar esta criança que ainda está na barriga e pela ansiedade de saber como se encontram as características

físicas deste bebê. A ultrassonografia morfológica desta fase em destaque, pode tranquilizar e sanar algumas dúvidas que a gestante ainda guardava consigo, devido ao fato de que a criança ainda não se encontra no seu campo visual e palpável. Piontelli (2000) percebe também que a ultrassonografia disponibiliza um acesso da gestante ao seu próprio corpo, a si mesma como mulher e mãe, e é claro, à forma e ao comportamento de seu filho. O encontro com o bebê real é parcialmente antecipado. Com os dados concretos que o exame revela a respeito do bebê, os pais podem desde já, confrontar o bebê imaginário com o bebê real.

Muitos elementos emergem de uma só vez durante a ultrassonografia, sobrecarregando o aparelho mental e fazendo com que conteúdos inconscientes venham à tona (Piontelli, 1995). Assim, o ambiente desse exame tem um impacto bastante importante em ambos os pais, podendo gerar sentimentos ambivalentes, como amor e ódio (Gomes; Piccinini, 2007). Esse momento tende a ser acompanhado de alto grau de ansiedade para as gestantes, o que é evidenciado por expressões faciais, gestos e verbalizações. É como se ocorresse uma espécie de “teste da verdade” ou “controle/ selo de qualidade”, a partir do qual o casal é avaliado em sua capacidade procriativa de forma bastante direta (Piontelli, 2000). Isso se dá pela avaliação da capacidade de gerar uma criança saudável ou não, tornando o corpo da mulher vulnerável a este processo sensível, onde ela se encontra na posição da pessoa que está desenvolvendo uma nova vida. Todos os aspectos que estavam projetados no bebê são agora alvo de investigação pelos pais.

Entretanto, é neste segundo trimestre que os hormônios começam a se regular. Neste período o bebê já se mexe na barriga da mãe; o útero cresce e o coração tende a bater mais rápido; a pele do abdômen está “esticando” e a gestante passa a sentir coceiras na região; o volume da barriga pode fazer com que a gestante sinta dores nas costas; o peso também pode provocar varizes nas pernas; dores abdominais podem acontecer, já que o útero está se expandindo para acomodar o crescimento do bebê.

Terceiro trimestre, é acompanhado de uma porção a mais de ansiedade, visto que essa fase traz consigo a finalização da idealização do bebê imaginário para o bebê real. Nesse período os sentimentos são contraditórios, como a vontade de ter um filho e terminar a gravidez e, simultaneamente, vontade de prolongar a gravidez para adiar a necessidade de fazer as novas adaptações exigidas pela vinda do bebê (Ferreira, 2009; Maldonado, 2002). Caso não ocorra essa diferenciação e o processo não seja bem elaborado, o parto pode ser sentido como uma separação dolorosa, no qual a mulher perde uma parte de si mesma e a relação materno-filial fica perturbada, na medida em que a mãe não consegue perceber as características particulares

do seu bebê porque o considera como uma projeção ou extensão de si própria. A maneira como o parto e o bebê são simbolizados também influencia na evolução do trabalho de parto (Maldonado, 2002).

Fisicamente, no terceiro trimestre o cansaço da gestante aumenta; as alterações hormonais que ocorrem durante a gravidez são facilmente percebidas nesta etapa; o corpo começa a realizar alteração para o momento do parto; o organismo começa a produzir o colostro (líquido que vem antes do leite materno) e há também um aumento das secreções vaginais; as contrações são mais fortes, e o útero aumenta; a dificuldade de respirar pode ser maior, pois o bebê está perto dos pulmões; a parte de cima do seu útero está debaixo das costelas; mãe e bebê estão mais propensos a ganhar peso nesta fase.

Por fim, especificamente no nono mês de gestação, o bebê se encaixa na bacia da mãe, na posição para o momento do parto; nesse período, a gestante começa a ir no banheiro com mais frequência, pois a barriga está maior e comprime a bexiga; além do aumento de peso, a ansiedade contribui para o quadro de dificuldade para dormir; a falta de ar também é um sintoma comum desse período; com a produção de leite, os seios ficam inchados; os ossos da bacia começam a abrir, é comum ter dores na bacia, no púbis e na região baixa da coluna lombar.

Quando se estuda sobre os bebês, percebe-se que a palavra dependência se torna bastante presente. Os bebês só começam a *ser* sob certas condições e no início, como a dependência é absoluta, eles precisam de uma mãe que esteja tão identificada com eles, que sejam capazes de atender prontamente às suas necessidades. Os bebês vêm a ser de modos diferentes, conforme as condições sejam favoráveis ou desfavoráveis. Com o cuidado recebido da mãe a continuidade da linha da vida do bebê se mantém e ele experiencia uma “continuidade do ser” (Winnicott, 1960).

O processo de amamentação, os espaços de tempo entre as mamadas, o tempo entre uma forma de segurar e outra vão construindo um registro de continuidade de um ser que é mantido, respeitado, não invadido. Não ser invadido significa ser compreendido a partir do que poderíamos chamar de uma “visão de mundo do bebê”, o que é possível pela adaptação ativa do meio em que a mãe propicia ao filho (Guimarães, 2001). Se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. A falha materna prolongada provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o “continuar a ser” do bebê, gerando uma ameaça de aniquilamento (Winnicott, 1978). Todas as experiências que afetam o bebê são armazenadas em seu sistema de memória,

possibilitando a aquisição de confiança no mundo, ou pelo contrário, de falta de confiança (Winnicott, 1999).

Como citados nos parágrafos anteriores, a mãe é uma figura de importância máxima na existência desse bebê, levando consigo este papel de suprir, cuidar e manter esta criança viva, mediante ao fato de que ao nascer uma criança nasce também uma mãe. Tomando como foco a problemática deste estudo e chegando exatamente no ponto de partida que motivou a autora, dar-se-á o ápice dessa revisão. Ao longo da gestação, o corpo desta mulher passa por grandes mudanças físicas e hormonais, esta mãe que está gerando uma nova vida, também está perdendo sua identificação com o espelho, está lidando com uma nova versão sua. As mulheres passam a perceber que se tornar mãe vai além de mudanças no que se pode ou não consumir, mas envolve uma transformação na identidade e no papel social.

6. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NOS CORPOS MATERNOS E A INDÚSTRIA DE CONSUMO.

Tornar-se mãe coloca a mulher em um espaço público e a ocorrência do não-consumo muitas vezes põe de lado os hábitos próprios de consumo que caracterizam a feminilidade e os ideais de beleza para priorizar a saúde, a segurança do filho gerado ou atender expectativas externas (Gram *et al*, 2017). Ou seja, mães que estão gerando seus filhos acabam se apagando para atender a demanda “social” que esta criança necessita. A primeira experiência da mulher com a gestação por si só, já envolve inúmeras incertezas sobre o futuro, como dúvidas com o cuidado com o bebê, conciliação entre trabalho e família, ajustes financeiros, além das mudanças que virão no seu próprio corpo.

Se algumas mulheres podem ver a vida de mãe como libertadora no sentido da obrigação de manter o peso, por exemplo, para outras torna-se um desafio voltar ao antigo corpo que passou por grandes transformações no campo físico e psíquico. Como diz Wolf (1999), “o mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência”. Assim, pôr a beleza ter se tornado uma questão de comportamento, ou seja, a escolha de ter um corpo bonito e uma boa aparência, pressupõe que o alcance dos padrões impostos na sociedade depende do comportamento de consumo.

Partindo do pressuposto que o comportamento social possui grande influência das mídias digitais, pode-se elencar que mulheres de baixa condição monetária se inserem no público mais afetado por estas influências, visto que, se torna inviável acompanhar as

atualizações da contemporaneidade. Grandes nomes são colocados no pódio de influencer digital a cada dia, nomes que marcam a trajetória de mulheres que se sentem obrigadas até mesmo de forma involuntária a se adequarem a padrões que não a “vestem”. Uma imposição social e cultural de padronização de pessoas e modos de agir e se comportar.

É evidente que os padrões que cercam mulheres grávidas, chegam a elas de uma forma distorcida, considerando o fato desta mulher está passando por modificações corporais que alteram sua condição psíquica. A mulher grávida da atualidade, seguindo os padrões dos dias que estamos inseridos, é aquela que busca pelo corpo perfeito, que pratica exercícios físicos, que possui uma alimentação regrada e saudável. Em um estudo sobre suporte social, depressão e ansiedade na gestação, Baptista, Baptista e Torres (2006, p. 40), descrevem os possíveis sentimentos vivenciados pela mulher com relação ao seu corpo e psique durante a gestação. “No segundo trimestre a gestante poderá apresentar preocupação quanto às alterações do corpo, correlacionando com o sentimento de medo. Este medo se dá pela insegurança de não voltarem à forma natural antes da gestação, de ficar modificada como pessoa, isto é, perder a sua identidade e se tornar outra pessoa”. Araújo *et al.* (2012), evidenciam também a preocupação com a permanência destas mudanças no corpo, preocupadas com as mudanças corporais.

Carrigan e Szming (2006), investigaram o consumo de produtos de conveniência por mães e a reconstrução da auto identidade, percebeu-se que o consumo de produtos de conveniência pode facilitar e dar mais autonomia à vida de mães ocupadas, deixando de lado a ideia de que elas não podem ser boas mães por não se dedicarem prioritariamente às tarefas do lar e aos cuidados com os filhos. Cria-se um processo de empoderamento com a melhora da autoestima. Neste mesmo paralelo, um outro estudo revelou como jovens mães de baixa renda são capazes de criar estratégias de consumo para garantir que seus filhos tenham o que necessitam, inclusive sacrificando necessidades e desejos de consumo individuais (Ponsford, 2014). Geralmente, o consumo na vida das mães é relacionado ao cuidado, ao amor e a proteção dos filhos, além de existir a responsabilidade de fornecer os recursos materiais e emocionais para que a criança se conecte à sociedade por meio das práticas de consumo (Takahashi, 2014).

Em estudo exploratório realizado por Levy *et al.* (2011), identificou-se que com a chegada de um filho as mulheres mudam seus hábitos de consumo, principalmente no que tange aos cuidados pessoais, que deixam de ser prioridade. A principal alegação é que, precisando cuidar de um filho pequeno, falta tempo a elas para consumirem produtos voltados à sua beleza. Contudo, segundo o estudo, alguns cuidados conseguem ser mantidos. “As atividades mais

frequentemente relatadas incluem os cuidados com as unhas, o cabelo e a pele (cremes e filtro solar); muitas vezes utilizam alguma maquiagem; há um cuidado geral com a alimentação.

Neste sentido, nota-se que a oferta da sociedade sobre os padrões de beleza são primordialmente influenciados pela indústria de consumo, que visa lucrar com a ideologia de imitação. Esta busca desenfreada pela padronização dos corpos, remetem a um desconforto de ordem econômica, quando não se pode arcar com os gastos que tais modificações exigem. Diante disso, Cabral (2022), afirma que, percebendo a demanda para que haja modificações no que é entendido enquanto “belo” e “normal”, as marcas começaram a investir em diversidades a fim de alcançar esses públicos. Posto isso, visto a influência dos meios de comunicação e das campanhas publicitárias na construção dos padrões de beleza, nota-se a gradual, porém ainda tímida transformação dos padrões estéticos, além da desestigmatização de corpos que não seguem os ideais impostos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, os padrões de beleza percorreram um longo caminho de construção, algo que oscilou ao longo do seu processo. A beleza e a feiura se localizam em extremidades de um mesmo paralelo, visto que, o belo existe porque o feio existe e vise e versa. Atualmente, os padrões de beleza estão associados ao corpo modelado e definido, corpos que não se enquadram nestes critérios não são bem vistos, este processo de padronização chega de forma particular a cada indivíduo. Visando a vulnerabilidade e instabilidade emocional das mulheres grávidas, o presente estudo teve como finalidade analisar o que a bibliografia aborda sobre a temática, conseguindo de forma satisfatória atingir seus objetivos, uma vez que, de modo geral como objetivo, contemplou as imposições dos padrões de beleza como influência na produção do mal estar durante a maternidade que foram elencados ao decurso da construção deste.

Nota-se que a mulher em específico, é bastante cobrada em relação ao seu corpo, aos cuidados que a mesma demanda para si e como se adequa aos padrões estéticos de beleza. Neste sentido, se fez necessário abordar como as mídias se posicionam frente a estas imposições. A beleza e o corpo são temáticas que possuem grande campo teórico, advindos geralmente do desconforto causado pela sociedade que insiste em demarcar padrões e como a indústria consumista investe na divulgação digital de influenciadoras.

As mudanças no corpo das mulheres durante a gestação ocorrem de forma visível. O aumento das mamas e da barriga, a elevação do peso devido a uma maior ingestão de alimentos,

o inchaço do rosto e escurecimento das regiões íntimas, passam de mudanças naturais para descuido ou desleixo. Mulheres que se sentiam bem com seus corpos estão percorrendo um momento sensível, com alterações físicas, hormonais e psíquicas, as mesmas são bombardeadas quando entram nos meios digitais e veem mulheres “bem sucedidas” praticando exercícios físicos, uma alimentação balanceada e ainda por cima com um manual de como educarem de forma correta os filhos.

A influência da mídia é um marcador doloroso para mulheres de classes baixas, que não podem arcar com tais prognósticos de beleza. Diante do exposto, é notório como os padrões de beleza exercem de forma pontual grande influência sobre os corpos femininos na contemporaneidade, promovendo uma pressão estética que resultam em inúmeros desafios enfrentados de forma particular por cada mulher, percorrendo outros campos e contextos, tais como o trabalho, a relação interpessoal, conjugal e familiar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Natalúcia Matos et al. Corpo e sexualidade na gravidez. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 552-558, 2012.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, p. 24-34, 2011.

BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher; TORRES, Erika Cristina Rodrigues. Asociación entre soporte social, depresión y ansiedad en embarazadas. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 7, n. 1, p. 39-48, 2006.

CARRIGAN, Marylyn; SZMIGIN, Isabelle. “Mothers of invention”: maternal empowerment and convenience consumption. **European Journal of Marketing**, v. 40, n. 9/10, p. 1122-1142, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. **Nuevo Texto Crítico**, v. 2, n. 2, p. 205-211, 1989.

COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. **Trans/Form/Ação**, v. 36, p. 135-154, 2013.

DE SIQUEIRA, Euler David; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O corpo como imaginário da cidade. **Revista Famecos**, v. 18, n. 3, p. 657-673, 2011

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. Editora Contexto, 2009.

- ECO, Umberto. **História da beleza**. Difel 82-Difusão Editorial, 2004
- FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. In: **Desenho da pesquisa qualitativa**. 2009. p. 164-164.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). **Obras completas**, v. 21, 1996.
- GAYA, Adroaldo. Será o corpo humano obsoleto?. **Sociologias**, p. 324-337, 2005.
- GRAM, Malene; HOHNEN, Pernille; PEDERSEN, Helle Dalsgaard. ‘You can’t use this, and you mustn’t do that’: a qualitative study of non-consumption practices among Danish pregnant women and new mothers. **Journal of Consumer Culture**, v. 17, n. 2, p. 433-451, 2017.
- GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Editora Record, 2002.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. **Belo Horizonte: UFMG**, v. 340, p. 1990, 1999.
- LACAN, J. Apêndice II: A metáfora do sujeito. **J. Lacan, Escritos. (I. Oseki-Depré, 1996**.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. **J. Lacan, Escritos**, p. 96-103, 1998.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: J. 1999.
- LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real-conferência. **Cadernos Lacan, publi**, 1953.
- LEVY, B. P.; CASOTTI, L. M.; OLIVEIRA, L. B. D. Trabalho, consumo e identidade após a primeira gestação: um estudo exploratório. **XXXV Encontro da Anpad**, p. 1-17, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. Michel. No fundo das aparências. **Trad. Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes**, 1996.
- ONKVISIT, Sak; SHAW, John. Self-concept and image congruence: some research and managerial implications. **Journal of Consumer Marketing**, v. 4, n. 1, p. 13-23, 1987.
- PONSFORD, Ruth. “I don’t really care about me, as long as he gets everything he needs”– young women becoming mothers in consumer culture. **Young Consumers**, v. 15, n. 3, p. 251-262, 2014.
- ROSÁRIO, Nísia M. Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose. **Emoriô**, 2004.
- SILVA, Laura Johanson da; SILVA, Leila Rangel da. Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais. **Escola Anna Nery**, v. 13, p. 393-401, 2009.

SOUZA, Laura Vilela; SANTOS, Manoel Antônio dos. Familiares de pessoas diagnosticadas com transtornos alimentares: Participação em atendimento grupal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 325-334, 2012.

SOLER, Rodrigo Diaz De Vivar Y. Apontamentos sobre o contemporâneo em Giorgio Agamben. **Profanações**, v. 3, n. 2, p. 83-96, 2016.

SOLOMON, Michael R.; ASHMORE, Richard D.; LONGO, Laura C. The beauty match-up hypothesis: Congruence between types of beauty and product images in advertising. **Journal of advertising**, v. 21, n. 4, p. 23-34, 1992.

SZEJER, Myriam. Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento. In: **Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento**. 1997. p. 322-322.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. 1999.

TAKAHASHI, Mayumi. Ideological dilemmas: constructing motherhood through caring consumption in Japan. **Young Consumers**, v. 15, n. 1, p. 84-93, 2014.

VACKER, Barry; KEY, Wayne R. Beauty and the beholder: The pursuit of beauty through commodities. **Psychology & Marketing**, v. 10, n. 6, p. 471-494, 1993.

VALLER, Eloísa Helena Rubello. A teoria do desenvolvimento emocional de DW Winnicott. **Rev. bras. psicanál.**, p. 155-170, 1990.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Editora Record, 2018.

WINNICOTT, Donald W. Pediatrics and psychiatry. **British Journal of Medical Psychology**, v. 21, n. 4, p. 229-240, 1948.

WINNICOTT, Donald W. et al. The theory of the parent-infant relationship. **International Journal of psychoanalysis**, v. 41, n. 6, p. 585-595, 1960.

WINNICOTT, Donald W. O conceito de indivíduo saudável. **Tudo começa em casa**, p. 3-22, 1999.